

# PROCESSOS E PERCURSOS DE CONSTRUÇÃO DE PESQUISAS EM RECEPÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES EPISTÊMICO-METODOLÓGICAS

## *Processes and routes of construction of reception researches: some epistemic- methodological reflections*

Jiani Adriana Bonin\*

**Resumo:** O texto apresenta uma reflexão de caráter epistêmico e metodológico sobre aspectos relativos à construção investigativa e à ação do pesquisador no processo de elaboração de pesquisas comunicacionais em recepção midiática. Especificamente, reflete sobre bases epistemológicas vinculadas às lógicas constitutivas da investigação sobre o lugar e a ação do pesquisador e sobre o sentido da pesquisa exploratória nesses processos. Problematisa, também, as relações entre pesquisador e sujeitos participantes das investigações.

**Palavras-chave:** Pesquisa de recepção. Metodologias. Pesquisa exploratória.

**Abstract:** The text presents an epistemic and methodological reflection about aspects related to the investigative construction and the researcher action in the elaboration process of communicational researches of media reception. Specifically, reflects about the epistemological foundations related to the constitutive logics of the investigation, about the place and action of the researcher, and the sense of exploratory research in those processes. Also, problematize the relations between the researcher and the participating subjects of the investigations.

**Keywords:** Reception research. Methodologies. Exploratory research.

---

\*Professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo (Brasil, RS). Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM. Pesquisadora da Rede Temática Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina (REDE AMLAT).  
E-mail: [jianiab@gmail.com](mailto:jianiab@gmail.com)

Data de submissão: 30.8.2018

Data de aceite: 23.9.2018

Revisão: Paulo da Luz

# 1 Introdução

N o cenário contemporâneo, os processos de midiatização, e mais recentemente de digitalização, vêm impactando profundamente as práticas comunicacionais contemporâneas e redefinindo fortemente o âmbito que convencionamos chamar de *recepção*. Isso traz renovados desafios epistemológicos à pesquisa nesse campo. A construção investigativa, nas dimensões epistêmicas, teóricas, metodológicas e técnicas, é desafiada a constituir-se em afinidade com essas transformações.

Estes desafios demandam, entre outras coisas, adensar a reflexão epistemológico- metodológica dos processos e fazeres investigativos, para fundamentar e alicerçar a ação construtiva do pesquisador como *práxis*, um agir nutrido teoricamente e corporificado em fazeres, em operações, em procedimentos que vão desenhando a feição ao objeto do conhecimento e se inscrevendo como lógicas atuantes na construção refletiva do objeto investigado em vinculação profunda com os fenômenos sob investigação.

É em torno de questões vinculadas a essa lógica em ato e seus desafios que nos debruçamos neste texto, que propõe uma reflexão sobre aspectos relativos ao processo de construção da pesquisa e ao *agir* epistêmico do pesquisador nesse processo, pensado, particularmente, a partir de desafios vinculados à pesquisa em recepção. No percurso desta reflexão, elucidaremos bases epistemológicas que orientam nossa concepção sobre o processo e o agir investigativos; refletiremos sobre lógicas constitutivas da pesquisa e, especialmente, sobre o sentido da pesquisa exploratória; finalmente, pensaremos sobre as relações, caras à pesquisa em recepção, entre pesquisador-sujeitos partícipes de nossas investigações.<sup>1</sup>

## 2 Concepções epistêmicas vinculadas ao agir construtivo da pesquisa

Começo por assinalar que as concepções epistêmicas que nos orientam se opõem ao empirismo e ao positivismo por considerarmos que são insuficientes para dar conta das complexas lógicas da descoberta científica fecunda, da elaboração do objeto científico como construto teoricamente

<sup>1</sup> Essas reflexões são realizadas com base em nossas experiências investigativas no campo da pesquisa comunicacional, especialmente naquelas dedicadas a problemáticas com foco na recepção (pesquisas por nós realizadas e coordenadas; orientações de doutorado, mestrado e graduação) e compartilhadas no grupo de pesquisa PROCESSOCOM (Processos comunicacionais: epistemologia, midiatização, mediações e recepção), que coordeno. Informações sobre o grupo podem ser consultadas em: <http://www.processocom.org>

perspectivado, de modo a compreender suas lógicas constitutivas. Ainda, de posições que tomam as teorias e os métodos como construções prontas e impermeáveis às realidades dos fenômenos.

O processo de pesquisa aqui pensado, a partir da ação do pesquisador, concebe-o como uma prática epistêmica viva, construtiva e constitutiva do objeto investigado. Esse agir/pensar epistêmico opera na conquista progressiva e construção do objeto a conhecer como objeto de pensamento concretizado no “corpo a corpo” com as realidades pesquisadas.

O sujeito, no processo investigativo, não caminha sozinho. Ele estabelece relações de conhecimento produtivas com outros sujeitos; sua razão progressivamente concretizada e empenhada para o fenômeno, é construída na relação com o mundo, mas, também, com seus pares e com os conhecimentos acumulados no campo científico. Ele é o agente construtor da pesquisa (ainda que não opere sozinho, mas num campo e em diálogo com os pares).

O pesquisador é por nós pensado como sujeito concreto, social, cultural, política e historicamente situado. Ele é detentor de conhecimentos, de competências, de sentidos culturais constituídos numa trajetória de vida que configurou modos de raciocinar, de sentir, de se vincular com o mundo e com os outros. (MALDONADO, 2013). E esses elementos atravessam sua constituição como investigador na caminhada de produção de pesquisa. Nesse percurso, o pesquisador não está pronto. A luta para construir o objeto de conhecimento será, também, simultaneamente, uma luta para se constituir como sujeito epistêmico *no e do* processo investigado.

Na construção de pesquisas em recepção, tais questões dão particularidades aos processos investigativos. O pesquisador é parte dos fenômenos que investiga, também se inter-relaciona com as mídias e constrói concepções sobre elas; tem sua cultura que define, entre outras coisas, maneiras de ver e de se relacionar socialmente. Esses aspectos podem facilitar, mas também, operar como obstáculos epistemológicos no processo de pesquisa.

A perspectiva epistêmica com a qual operamos considera a produtividade e, simultaneamente, a precariedade, a incompletude e as limitações dos conhecimentos, das teorias, dos métodos e dos procedimentos investigativos como condição de produção de novos conhecimentos; como desafio que suscita trabalho, criação e invenção. (BACHELARD, 1977). Admite a existência de *sensos comuns* acadêmicos que precisam ser desconstruídos, questionados, desmontados em favor da compreensão crítica e aprofundada e que deem conta das realidades comunicacionais contemporâneas que investigamos. (MALDONADO, 2013).

Nossa perspectiva reconhece, também, a existência de sabedorias milenares e de sentidos comuns esclarecidos no mundo da vida, com os

quais a ciência deve aprender a dialogar e se nutrir para a construção de uma razão mais ampla, multifacetada, menos arrogante, mais sensível e empenhada em construir um conhecimento aprofundado e comprometido com a vida em múltiplas dimensões. (SANTOS, 2010; MORIN, 1990). Essas perspectivas demandam à pesquisa em recepção, entre outros aspectos, uma renovação nas concepções e no estabelecimento de relações com os sujeitos partícipes da pesquisa como discutiremos mais adiante.

Em alinhamento com as perspectivas epistêmicas críticas, consideramos que nossas investigações não podem expulsar de sua *episteme* a questão dos fins da ciência, do seu papel e do seu sentido. E este sentido tem como um dos seus pontos cruciais a possibilidade de contribuir para a emancipação humana. A pesquisa que se alinhe a uma *episteme* que se coloque a serviço do esclarecimento, do conhecimento aprofundado das realidades e da humanização dos sujeitos, necessita dialogar com os saberes destes sujeitos para produzir, em confluência e confrontação com suas cosmovisões, um conhecimento aprofundado de suas realidades e que deve contribuir, também, para a ampliação destas cosmovisões. Logo, deve incluir formas de devolução do conhecimento produzido como parte da concepção da própria pesquisa, de maneira que contribua para aprofundar os conhecimentos e qualificar as práticas sociais. (JAPIASSU, 1991; SANTOS, 2010).

Desde as concepções epistêmicas que nos alimentam, consideramos que o objeto a conhecer não está dado. (BACHELARD, 1977; BOURDIEU et al., 1999). Ele vai se constituindo neste agir epistêmico do sujeito, nas condições concretas de sua produção. E, como *práxis*, este agir tem que se constituir como ação e reflexão na caminhada de construção da pesquisa.

A noção de reflexão epistemológica de Bachelard (1977) é para nós produtiva nesse sentido e implica fazer penetrar a reflexão epistêmica no coração das práticas construtivas da pesquisa a fim de firmá-las como práticas pensadas e de contornar os obstáculos epistemológicos, os desafios, as lentidões e perturbações que se afiguram no processo.

Nessa via, o agir epistêmico do sujeito, no processo de pesquisa, precisa nutrir-se da reflexão constante de cada ação, de cada operação, de cada gesto, de cada tomada de decisão. Os questionamentos, as reflexões e as interrogações são companheiros da caminhada de formação progressiva de uma razão epistêmica que não se acomoda, mas caminha se constituindo na instabilidade produtora de saber. Um agir epistêmico que busca o reconhecimento e as vias de superação dos obstáculos epistemológicos constituídos no processo investigativo.

É, então, no agir processual, no caminhar, no movimento que a construção progressiva do objeto de pesquisa vai se produzindo. Esse movimento, pensando ainda com Bachelard (1977), precisa se dar de maneira a instaurar

campos dinâmicos de produção de pensamentos vivos, que inter-relacionam tensamente dimensões epistêmicas, teóricas, metódicas e empíricas da investigação.

Esses campos tensionais de produção de pensamentos colocam em inter-relação produtiva conhecimentos e perspectivas compreensivas e potencialmente produtivas para pensar o objeto, perspectivá-lo, entendê-lo e o mundo empírico nas dimensões e nos recortes que interessam à investigação. A produção de conhecimentos admite, também, o exercício de lógicas plurais que podem ser estimuladoras da produção de pensamentos, concepções e abordagens da realidade; da produtividade da experimentação e do jogo com lógicas diversas como subsídios para pensar.<sup>2</sup>

Essas relações, em nossa perspectiva, precisam se constituir como campo epistêmico vivencial profundo no processo de amadurecimento da problemática. A natureza dessas relações é tensional, pois inclui confluências, confrontações, choques, articulações. No processo de constituição da problemática de pesquisa concretizada, os pensamentos compreensivos e o mundo empírico terão que se inter-relacionar, se desafiar, se chocar, se nutrir e se transformar mutuamente, a partir do trabalho do sujeito epistêmico construtor de pesquisa.

As pesquisas teórica e exploratória são, nessa concepção, práticas metodológicas relevantes que devem se inter-relacionar e se atravessar profundamente no percurso investigativo. No que segue, propomos pensar, mais especificamente, os processos e o sentido da pesquisa exploratória como componente crucial do agir epistêmico vivo, construtor de pesquisa.

### 3 A pesquisa exploratória no percurso da construção investigativa

Como prática metodológica, a pesquisa exploratória é o meio pelo qual geramos elementos concretos do polo da empiria os quais deverão participar do processo de construção da pesquisa, ao serem colocados em relação com o polo teórico-metodológico da mesma. Ela se realiza por meio de aproximações empíricas do fenômeno concreto a ser investigado, com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades e inclui tatear o fenômeno, explorar aspectos que interessam à problemática em construção, na sua feição concreta. (BONIN, 2013).

---

<sup>2</sup> É instigante, nesse sentido, a proposta de Mills (1975) sobre o processo de pesquisa como artesanato intelectual. Na reflexão que o pesquisador realiza sobre sua prática científica, explícita múltiplas formas como estimula a imaginação e experimenta, mentalmente, para estimular a produção de raciocínios compreensivos sobre as realidades que investiga.

A pesquisa exploratória promove vivências empíricas cruciais de aproximação, reconhecimento e experimentação mental, corporal e sensitiva das realidades de investigação; no caso das pesquisas de recepção, dos processos e produtos comunicacionais focalizados dos sujeitos e de seus contextos, entre outras dimensões de interesse das pesquisas.

No processo de exploração empírica, é produtivo não se ater apenas aos cenários definidos como recorte investigativo à exploração empírica. A inclusão de observações de contraponto (MILLS, 1975) podem ser elementos interessantes e produtivos para aguçar o olhar no sentido de reconhecer especificidades dos cenários e sujeitos observados, assim como a incidência de lógicas transversais em relação a outros cenários, vinculadas a macroprocessos mais amplos que precisam ser considerados, como aquelas vinculadas à midiaticização, relevantes para nossas pesquisas comunicacionais.

No percurso de amadurecimento de nossas propostas investigativas, partimos de estruturas e perspectivas teóricas iniciais – orientadoras da exploração – que nos fornecem prismas móveis e tentativas para pensar os processos de recepção e evitam os riscos do empirismo. Mas se eles nos ajudam a perspectivar o olhar, não podem nos cegar às complexidades da realidade que não se deixam pensar pelas lógicas dos nossos pontos de vista teóricos iniciais.<sup>3</sup>

Nesse sentido, é instigante a reflexão proposta por Bosi (2003) sobre a necessidade de, no processo investigativo, desenvolver uma atitude de empatia com o mundo, noção que procura pensar na construção de uma posição de abertura que permita que os aspectos da realidade não sejam, pronta e mecanicamente, interceptados por pré-noções ou teorizações prontas. Está em jogo, aqui, a possibilidade de abertura para que os fenômenos da realidade nos instiguem, nos desafiem e desestremem as concepções construídas previamente para pensar na realidade.

Os movimentos exploratórios são práticas metodológicas cruciais para nutrir a construção de investigações em vários âmbitos. Eles colaboram para desestruturar concepções prontas sobre os fenômenos; para gerar e estimular a produção e a experimentação de pensamentos produtivos e originais para sua compreensão; para vivenciar, questionar e experimentar métodos, operações e procedimentos investigativos. Eles permitem aproximações e reconhecimentos entre os sujeitos da pesquisa necessários à construção de vínculos e de esferas de tradutibilidade de *epistemes*

<sup>3</sup> Esses movimentos de vai e vem entre as dimensões teóricas e empíricas e sua produtividade à pesquisa podem ser visualizados na pesquisa realizada por Certeau (1996) e sua equipe, publicada em *A invenção do cotidiano*.

distintas (pesquisador-pesquisado); possibilitam a vivência de choques epistêmicos e psíquicos pelo pesquisador, que impulsiona descentramentos, desestabilizações e colaboram à desconstrução de estereótipos e de pré-noções simplificadas sobre os fenômenos. Dinamizam, enfim, a construção de uma posição favorável à produção de perspectivas teórico-metodológicas afinadas e solidárias com as realidades sob investigação.

A efetiva contribuição da pesquisa exploratória à construção investigativa necessita de um esforço de reflexão em relação ao que se revela como constatação ou como pistas relativas às dimensões do fenômeno investigado. Essas, porém, só adquirem seu sentido e seu lugar no processo quando trabalhadas em confluência/confrontação com o polo da teoria na pesquisa; só assim alcançam a condição de participar, efetivamente, da realização daquilo que Bachelard (1977) chama de “mentalidade abstrato-concreta” na produção do conhecimento.

As constatações e pistas obtidas na pesquisa exploratória, assim trabalhadas, alimentam o amadurecimento do desenho investigativo em planos diversos, relacionados ao problema/objeto, a aspectos da problemática, à construção teórico-metodológica da observação empírica. Exploremos como isso se materializa em desenhos concretos de pesquisa em recepção.

Em termos do *problema/objeto investigado* e dos *aspectos da problemática*, seus resultados colaboram à consolidação e à concretização da construção. Concretamente, em nossas experiências em pesquisa de recepção, seus achados têm sido fundamentais para concretizar, por exemplo, a definição de *mediações* relevantes nos desenhos investigativos que buscam pensar a mediação social pela via de usos, apropriações e produções realizadas pelos sujeitos. No processo construtivo, temos trabalhado no sentido de pensar, provisoriamente, possíveis mediações a partir de orientações da teoria e de experiências de pesquisa; desde aí concebemos e pensamos em explorações empíricas que nos permitam testar essas possibilidades e, ao mesmo tempo, que tenham suficiente abertura para acolher determinações da realidade investigada que sinalizem dimensões ainda não contempladas em nossa concepção provisória. O desenho dessas dimensões, na problemática consolidada, se fará levando em consideração a análise cuidadosa dos dados advindos dessas explorações, a qual pode validar dimensões previamente pensadas ou exigir sua reconfiguração.

De maneira semelhante, temos trabalhado com pesquisas em recepção cujo desenho envolve entender as propostas dos produtos midiáticos, na produção de categorias para sua análise, tomando em conta linhas provisórias dadas pelo problema e pelas problematizações teóricas, mas procurando, também, abertura para acolher elementos outros na

observação empírica. Ajustes, redesenhos e reorientações de categorias de análise com vistas a construções sensíveis a especificidades dos produtos midiáticos investigados têm sido potencializados por essas experiências exploratórias. Seus resultados podem, também, nos ajudar a vislumbrar dimensões da midiatização em termos de incidência diferencial na configuração de processos, práticas e produção de sentidos; de culturas, de identidades e de memórias; de formas de expressão cidadã – aquelas que interessam à problemática específica. Tudo isso colabora para que a problemática ganhe maior concretização.

Assumindo seu lugar em termos de confronto e confluência com a *dimensão propriamente teórica* da pesquisa, os achados da pesquisa exploratória permitem trabalhar na elaboração de configurações teóricas sensíveis aos fenômenos investigados; podem suscitar o aprofundamento de conceitos para dar conta de aspectos que se revelam importantes em sua configuração; podem, ainda, exigir o alargamento de perspectivas com as quais estamos operando. Esses achados são aliados importantes na luta contra um dos obstáculos epistemológicos na produção de conhecimento científico, relativo ao transplante acrítico de conceitos, teorias e modelos sem consideração às especificidades de fenômenos e contextos investigados.

A luta contra esse tipo de obstáculo epistemológico cobra renovado sentido em contextos dinâmicos em transformação, como os que estamos vivenciando contemporaneamente. Como lembra Maldonado (2009, p. 9), “a construção de conhecimentos não pode ser pensada numa ótica tradicional de conceitos precisos e bem delimitados; hoje sabemos que lidamos com problemáticas e que elas são um desafio dinâmico em configurações espaço-temporais em transformação”. Nessa forma de pensar, os conceitos devem ser submetidos a uma verdadeira *artesanía* intelectual para dar conta das realidades empíricas que, no processo de fabricação da pesquisa, se apresentam através de dados obtidos em pesquisas exploratórias.

Em nossas investigações dedicadas à recepção, as pesquisas exploratórias têm sido relevantes para construir nuances e precisões teóricas em relação à problemática de midiatização, para dar maior concretude a esses conceitos no sentido de responder às sutilezas dos contextos investigados. No plano da construção de *estratégias metodológicas*, a pesquisa exploratória auxilia na construção de arranjos e de invenções metodológicas sensíveis às demandas da problemática e das lógicas dos objetos empíricos; permite a experimentação e o teste de procedimentos. Seus resultados possibilitam, ainda, realizar a construção de amostras que incluam diversidades relevantes relacionadas às problemáticas investigadas.

Em pesquisas de recepção que realizamos nos últimos anos, temos trabalhado para pensar procedimentos metodológicos capazes de dar conta de demandas, pistas, constatações, fracassos e elementos suscitados pela pesquisa exploratória que depois ganham consistência através de elaborações metodológicas. Redesenhos de procedimentos de coleta de dados em pesquisas que realizamos – como os que chamamos de *leitura compartilhada de mídias impressas, relatos de vida comunicacional midiática, modalidades lúdicas de entrevistas, observação comunicacional* – beneficiaram-se de demandas, pistas e *insights* proporcionados por pesquisas exploratórias e aliados à reflexão metodológica.

## 4 Pensando as relações do pesquisador com os sujeitos no processo investigativo

As investigações em recepção, em nossa perspectiva, exigem aproximações e escutas também dos sujeitos da recepção, o que coloca a necessidade de refletir epistemologicamente sobre tais relações.

Pensamos que uma compreensão produtiva dessas relações exige uma *episteme* que questione e reformule certas bases colocadas pela ciência moderna. Em específico, me refiro àquelas vinculadas à produção do objeto científico e à relação sujeito-objeto de conhecimento. Para a construção do objeto científico, é produtiva a noção de ruptura epistemológica como uma ação necessária no processo de constituição de problemáticas fundamentadas e evitar o repouso no senso comum. (BACHELARD, 1977). Entretanto, essa noção necessita ser problematizada e reformulada num projeto de ciência que deseje construir uma relação que permita aos sujeitos constituírem-se como participantes efetivos no processo da pesquisa.

A produção de conhecimentos científicos, pensada apenas como ruptura com o senso comum, nega a possibilidade de que os sentidos culturais dos sujeitos da pesquisa sejam portadores de conhecimentos relevantes e que podem contribuir com o *senso científico*, para erigir um conhecimento aprofundado sobre questões que investigamos. Conceber tais relações apenas desse modo leva-nos ao fechamento de possibilidades férteis de combinações produtivas de conhecimentos científicos e de outras formas de conhecimento esclarecido para ampliar a compreensão das realidades investigadas no horizonte de uma ciência que inclui, em sua *episteme*, a preocupação com o ser humano e com as realidades em que está inserida.

Epistemologicamente, as relações entre *sujeito* e *objeto* de conhecimento são por nós pensadas não como relações objetais, instrumentais, neutras. *Sujeitos* e *objetos* estão vinculados em várias dimensões. O desafio do sujeito epistêmico é constituir-se como um lugar de descentramento para visualizar, pensar, refletir e construir pensamentos férteis para o

entendimento da realidade investigada. É necessário considerar, ainda, que o mundo da comunicação é dinâmico e reclama da constituição de relação capaz de se mover e de se dinamizar para pensá-lo.

Pensamos nas relações entre sujeitos, na investigação, como lugar de construção de vínculos epistêmicos produtivos para a produção de conhecimentos sobre a recepção, em que os sujeitos não são meros informantes, mas coprodutores, partícipes do processo epistêmico que desvela os processos de recepção. Essas relações envolvem dimensões racionais, culturais, éticas, políticas, estéticas, vivenciais e emocionais; nutrem-se de envolvimento de várias ordens, ao mesmo tempo que solicitam distanciamentos reflexivos para pensar.

Podemos pensar a relação entre pesquisadores e sujeitos comunicantes como uma relação entre culturas epistêmicas diferentes no seio da investigação. Sabemos que, historicamente, as relações entre culturas diversas, nos processos sociais, levaram, não raras vezes, à negação e à extinção de outras culturas, seja pelo extermínio dos sujeitos seja pela assimilação da cultura dominante. (SANTOS, 2008). Como pensar numa perspectiva de construção diferenciada dessas relações? A noção de cidadania intercultural parece produtiva para refletir sobre tal questão. Ela implica, na perspectiva de Cortina (2005), forjar relações que permitam que as culturas sejam reconhecidas em sua diversidade, em seus conflitos e multidimensionalidades e que, juntas, possam refletir, a partir do diálogo, sobre o que cada uma oferece e pode contribuir para um projeto de vida social emancipador.<sup>4</sup> O diálogo, fundado numa ética intercultural, é elemento basilar nessas relações.

O educador Paulo Freire também oferece uma contribuição produtiva para pensar na questão que estamos examinando. Lida desde a perspectiva desse educador, a construção investigativa de conhecimentos não pode se fundamentar numa relação vertical, em que os sujeitos sejam colocados no lugar de receptores passivos da pesquisa, a serem conduzidos e disciplinados no processo. Esse tipo de ação se presta a controlar o pensar e a ação dos sujeitos, a desenvolver a capacidade de adaptação do homem ao mundo e a inibir seu poder de atuação. Processos de reflexão, problematização, conscientização e ação para a mudança não podem se consolidar nesse tipo de relação. (FREIRE, 2011). As relações devem se constituir em outras bases, de maneira a permitir às pessoas que se

---

<sup>4</sup> Na reflexão de Cortina (2005), vemos que o reconhecimento das culturas é um problema de justiça, mas também, de dignidade humana, porque os sujeitos se constituem, se identificam, constroem pertencas e aprendem valores no seio delas. Não podemos desperdiçar a riqueza das culturas, dos sentidos e valores que portam se reconhecermos que elas podem ter elementos importantes para contribuir com a humanidade.

transformem, também, em sujeitos da construção de conhecimentos sobre o objeto a conhecer.

O pensamento de Freire coloca a necessidade do respeito à autonomia e à dignidade de cada sujeito, de levar em conta seus saberes, sua linguagem, seu estilo, sua estética e sua humanidade. O diálogo se coloca como um componente fundamental do processo de construção de conhecimentos, uma “exigência existencial” nas palavras de Freire (2011, p. 109). Ele permite instaurar um encontro entre sujeitos para a tarefa comum de aprender, refletir e saber agir. Os sujeitos, mediados pelos objetos cognoscíveis, por meio do diálogo, constroem, conjuntamente, o conhecimento do objeto e, simultaneamente, se constroem no processo.

Tomar em conta tais perspectivas implica desenvolver métodos, procedimentos e relações com as pessoas ao quais permitam a expressão de sua *episteme* e cultura, a constituição de zonas de diálogo e de tradução intercultural produtoras de conhecimentos aprofundados. É necessário construir processos metodológicos que levem em conta e permitam a expressão de sua lógica epistêmica, sociocultural e comunicativa; de seu saber, de sua linguagem, de seu estilo, de sua estética, de sua humanidade.

Isso requer trabalhar na construção de delicadas *artesanias* metodológicas (MILLS, 1975), produzidas para as especificidades das investigações e dos sujeitos envolvidos. É importante realizar experimentações metodológicas artesanais que procurem desenvolver formas produtivas de inter-relação e diálogo com os sujeitos para aprofundar, conjunta e colaborativamente, as dimensões requeridas pelas problemáticas investigadas.

Em síntese, um desafio epistêmico de nossas pesquisas é o estabelecimento de vínculos capazes de promover processos *inter/transepistêmicos* produtivos e comprometidos com a construção de conhecimentos sobre os processos de recepção. Essas relações se constroem no movimento da pesquisa, nos processos de encontro entre o sujeito pesquisador e os sujeitos envolvidos na caminhada investigativa. Elas precisam da construção de tempos de encontro entre os sujeitos, do cultivo do diálogo, da construção de pactos e compromissos, da constituição de um campo de tradutibilidade e de entendimento mútuo.

Finalizo estes apontamentos reflexivos sinalizando algumas das demandas que trazem as pesquisas comunicacionais e, em específico, as pesquisas de recepção:

- a necessidade de adensar a reflexão epistêmico-metodológica de nossas investigações, a fim de melhor nos posicionarmos como investigadores das realidades complexas, multicontextuais e multidimensionais que constituem as inter-relações dos sujeitos com as mídias;
- o desafio de trabalhar fundamentos epistêmicos e metódicos também complexos, sofisticados e que permitam constituir um agir epistêmico reflexivo e capaz de operar na complexidade e no movimento para construir investigações afinadas com as realidades que investigamos; e
- a tarefa de criar, no plano dos métodos, dos procedimentos e dos processos de pesquisa, uma dialogia intercultural produtora de conhecimentos que permita aos sujeitos ingressar como sujeitos coprodutores do processo investigativo.

Esses são alguns dos desafios iniludíveis que a pesquisa que problematiza as inter-relações dos sujeitos comunicantes com as mídias enfrenta, no seu compromisso de produzir conhecimentos relevantes sobre tais problemáticas.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). *Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 23-42.
- \_\_\_\_\_. Problemáticas metodológicas relativas à pesquisa de recepção/ produção midiática. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil*. Salamanca: Comunicación social ediciones y publicaciones, 2014. p. 41-54.
- BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo In: \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 113-126.
- BOURDIEU, Pierre et al. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 6. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: *Encontro da Compós, 2009, Belo Horizonte. Anais...* Belo Horizonte: Compós, 2009, p. 1-14.
- \_\_\_\_\_. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: \_\_\_\_\_. BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins. *Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios na prática investigativa*. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013.
- MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: \_\_\_\_\_. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 211-243.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.